

ROGER CASEMENT, UM REBELDE IRLANDÊS

Waldir Freitas Oliveira*

Resumo: O autor, neste trabalho, apresenta um resumo comentado da vida de Sir Roger David Casement, um irlandês que exerceu, durante longo tempo, funções de diplomata inglês, em vários países da África e da América Latina, inclusive, no Brasil. Destaca, em sua apresentação, o papel por ele desempenhado ao denunciar as atrocidades que eram cometidas pelos colonizadores belgas, durante o tempo em que o Congo, transformado em Estado Livre do Congo, pertenceu, como propriedade pessoal, ao rei Leopoldo II, da Bélgica; como, igualmente, ao revelar ao mundo o modo desumano como eram tratados os indígenas habitantes do vale do Putumayo, na Amazônia peruviocolombiana, na época áurea da exploração da borracha. Finalmente, realça o seu papel como participante da luta pela independência da Irlanda contra a Inglaterra, quando foi aprisionado pelos ingleses, havendo sido condenado à morte, por enforcamento, e executado numa prisão em Londres. Nos dias atuais Roger Casement é considerado herói nacional irlandês.

Abstract: The author, in his article, expose us a critic abstract of the Roger Casement's life, an Irish who exercises the functions of English consul at various countries in Africa and Latin America, also at Brazil. He emphasizes the role of Roger Casement as denouncer of the atrocities committed by the Belgian colonizers on the African natives, as long as the Congo, with the denomination of Free State of Congo, were a personal propriety of the king Leopold II, of Belgium; and, too, when Roger Casement revealed the inhuman treatment given by the Amazon Rubber Company to the Indian peoples of Putumayo's valley, at the peruvio-colombian Amazonia, during the gold age of rubber. Finally, he relieves his participation on the fight by the Ireland's independence, when he were imprisoned by the policial authorities of the England and, after his judgement, accused of high treason, he were sentenced to the death by hanging. At the present days, Roger Casement is appointed as an Ireland's hero.

*Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia e membro da Academia de Letras da Bahia.
waldirfoliveira@ig.com.br

Eu o reencontrei, por simples acaso; e, à primeira vista, não o reconheci. Dispondo-me a escrever um livro reunindo textos sobre ilhas reais e imaginárias, senti-me obrigado a falar das ilhas de St. Brendan, o monge irlandês que andou navegando, nos tempos medievais, pelos mares do Atlântico Norte. E em “*Uma ilha chamada Brasil - O paraíso irlandês no passado brasileiro*”, de autoria do jornalista Geraldo Cantarino, reencontrei seu nome, acompanhado pela informação de haver ele escrito, certa vez, páginas nas quais afirmara que o nome *Brasil*, dado à nossa terra pelos portugueses, provinha da *Hy-Brasil* uma ilha entre as muitas que haviam sido visitadas por aquele monge viajante irlandês, também conhecida como ilha de *Brendam*, presente, desde a Idade Média, no imaginário popular daquele país.¹

E foi esse próprio autor, aquele que, por sinal, mais cuidou, até hoje, no Brasil, de lembrar a figura de Roger Casement, quem me proporcionou tal reencontro, ao mencionar Gilberto Freyre, entre os que haviam a ele se referido em seus escritos; e também me indicou o livro do sociólogo pernambucano no qual se encontra a referência ao seu nome: – *Inglese no Brasil*. E ali, de fato, eu a encontrei, quando o mestre de Apipucos afirmou, referindo-se aos diplomatas ingleses atuantes no Brasil, no século passado, que

“notáveis por seus relatórios oficiais, ficaram completamente integrados no rame-rame consular, como Sir Roger Casement, que foi representante de S.M. Britânica, no Rio, nos princípios desse século; e nos deixou sobre a situação dos indígenas dos seringais da Amazônia, páginas de valor sociológico e não apenas de interesse burocrático.”

Acrescentou, porém, que em Roger Casement, além de “um puro funcionário consular”, existia “um revolucionário terrível”. Esclarecendo, então, que “a causa a que o revolucionário servia era precisamente a dos inimigos de Sua Majestade Britânica, a dos republicanos irlandeses aliados dos alemães na guerra de 1914-1918.”

E mais, que ele terminou por ser punido por sua rebeldia, pela justiça britânica, havendo sido

“castigado com a pena de morte; destino surpreendente para um cônsul, em quem quase sempre se enxerga um burguês inofensivo e pacífico, quando dentro dele pode estar, como no caso de Sir Roger, um espião a serviço dos inimigos do seu próprio governo”. (FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977, pp. 226-227).

Lembrava-me, contudo, na ocasião, de já haver lido, em outro lugar, o seu nome; e a memória conduziu-me a livros sobre História da África, por mim lidos e consultados ao tempo em que dirigi os destinos do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, tendo ido, afinal, encontrá-lo em *África. Desde la prehistoria hasta los Estados actuales*, de Pierre Bertaux (Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1974), no capítulo em que tratou este autor, da colonização belga naquele continente.

Afirmou, então, que um cônsul britânico, Roger Casement, apresentara, em 1903, ao Parlamento inglês, um relatório escrito em duros termos, sobre as atrocidades que estavam sendo praticadas contra os nativos do Congo pelos dirigentes das sociedades colonizadoras associadas ao rei Leopoldo II, da Bélgica, que fora reconhecido, internacionalmente, em fins do século XIX, como legítimo proprietário daquela parte do continente africano; havendo, inclusive, esse soberano, visando obter do Parlamento da Bélgica, um grande empréstimo em dinheiro, para aplicação naquela sua propriedade, legado Congo à nação belga, em caso de sua morte, em testamento cujo texto tornara público; não chegando, contudo, a transação que desejava, a ser efetuada, por haver aquele Parlamento discordado dos seus termos.

Fora ali que eu encontrara, pela primeira vez, tanto o nome de Roger Casement, como a menção àquele seu relatório, enquanto andara a pesquisar sobre a História do Congo, a fim de redigir, para o jornal baiano *A Tarde*, um artigo, que intitulei de “Katanga e o colonialismo”, e nele foi publicado em agosto de 1960.

Daí por diante, tudo foi se acelerando; e as informações a respeito de Roger Casement foram ficando mais fáceis de ser obtidas. Procurei, então, na Internet, seus dados biográficos, buscando comprovar o que dele haviam dito Gilberto Freyre e Geraldo Cantarino, a respeito da sua atuação na Amazônia, e sua participação na luta pela independência do seu país, conspirando, portanto, contra o governo de Sua Majestade Britânica. E consegui, afinal, dele ter uma visão nova, passando ele a ser, para mim, bem mais que somente o autor da denúncia das violências que estavam sendo praticadas contra os nativos congolezes, pelos colonizadores belgas. Razão pela qual, sinto-me, agora, capaz de falar melhor a respeito de alguém que continua, infelizmente, sendo pouco conhecido pelos brasileiros.

Roger David Casement nasceu na Irlanda, em Kingstown (hoje *Dún Laoghaire*), havendo passado a sua infância em Sandycove, no condado de Dublin, a 1.º de setembro de 1864, havendo sido filho do Capitão Roger Casement, pastor protestante e membro da Guarda Real, e de Anne Jehpson, tendo a sua mãe se convertido, secretamente, ao catolicismo.

Sobre que tipo de influência teria deles recebido, pouco consegui apurar, sabendo apenas que sua mãe faleceu, quando ele tinha nove anos; e o seu pai, em 1877, quando Roger tinha 13; havendo sido ele criado, desde então, no Ullster (atual Irlanda do Norte), por parentes paternos e maternos que se dispuseram a sustentá-lo e educá-lo.

Três anos depois, contudo, abandonou os estudos que vinha realizando enquanto viveu em Belfast, e seguiu para Londres, em busca de emprego; dali tendo partido, aos 19 anos, em 1883, para o Congo, a serviço da *Association Internationale Africaine*, uma organização belga patrocinada pelo rei Leopoldo II, da Bélgica.

Em 1892, já com 28 anos, iremos encontrá-lo integrando o corpo diplomático inglês, havendo passado a exercer, em 1895, o cargo de cônsul da Inglaterra, em Lourenço Marques (atual Maputo), na então colônia portuguesa de Moçambique; dali havendo sido enviado, em 1900, pelo governo britânico, para o Congo, a fim de instalar em Matadi, porto fluvial à margem esquerda do rio Congo, um consulado inglês; indo, a seguir, assumir o posto de cônsul da Inglaterra em Boma, que passara a ser, desde 1886, a capital do então chamado Estado Livre do Congo, e viria a ser a primeira capital do Congo Belga, assim permanecendo até 1926, quando a atual cidade de Kinshasa, então denominada Leopoldville, passou a ser a sede do governo da colônia.

Nessa condição, de cônsul da Inglaterra, foi ele encarregado, em 1903, pelo Governo britânico, de investigar como atuavam os dirigentes das companhias belgas de colonização, que, como se propalava na época, desrespeitavam, de modo flagrante, os direitos humanos das populações nativas congolezas; havendo apresentado, no ano seguinte, ao Parlamento inglês, um incisivo relatório a esse respeito, no qual não apenas confirmava as atrocidades que ali vinham sendo cometidas, como as denunciava como crimes contra a humanidade. E logo após haver sido publicado esse seu relatório, a então fundada *Congo Reform Association* decidiu, com o apoio do governo inglês e o de mais 14 países, entre os quais, os Estados Unidos, iniciar uma forte campanha visando obter a revisão dos termos do Tratado de Berlim de 1885, com base no qual fora o Congo entregue, como propriedade pessoal, ao rei Leopoldo II. Devendo então realçar-se o papel desempenhado no Parlamento belga, pelo socialista Emile Vandervelde, sobre quem bem me lembro haver escrito um pequeno trabalho intitulado “Vandervelde e o Brasil: influências sobre Manoel Bonfim” que foi publicado em *A Tarde*, a 10 de março de 2001; havendo então Vandervelde se colocado em franca e decisiva oposição ao rei Leopoldo II, e exigido, em veementes discursos, que dele fossem retirados os direitos que possuía sobre o Congo; como chegou, afinal, a acontecer; tendo passado o Congo, desde novembro de 1908, a pertencer à Bélgica, deixando de chamar-se Estado Livre do Congo e vindo a ser denominado simplesmente Congo Belga. Sem que se possa, contudo, assegurar haverem com isso cessado os atos de violência que ali eram praticados pelos colonizadores, contra as populações locais.

Foi, sem dúvida, no entanto, o relatório de Roger Casement, a peça fundamental para que isso acontecesse; achando-se ao alcance dos interessados, os termos desse seu famoso documento, no volume LXII, Cd. 1933, dos *British Parliamentary Papers*, 1904.

Dois anos mais tarde, foi Roger Casement enviado, pelo governo britânico, para o Brasil, como cônsul da Inglaterra; havendo exercido tais funções, inicialmente, em Santos (1906), a seguir, em Belém (1907), e, finalmente, as de Cônsul Geral da Inglaterra em nosso país,, a partir de 1908, no Rio de Janeiro, onde se encontrava em 1910, quando foi indicado para participar dos trabalhos da comissão nomeada pelo Governo britânico, para opinar sobre a questão que envolvia a *Peruvian Amazon Rubber Company*, empresa atuante na extração e comércio da borracha, no vale do rio Putumayo (conhecido no Brasil como rio Içá), em terras da Amazônia colombiana, naquele momento sendo disputadas pela Colômbia e pelo Peru. .

Constituída, para fins políticos, com a aparência de uma companhia de comércio inglesa – a *Peruvian Rubber Company*, ela surgira em substituição à “Casa Arana”, pertencente aos peruanos Julio Cesar Arana, seu irmão e seus cunhados, nada mais sendo, em verdade, que o mesmo estabelecimento, com outro nome e uma falsa nacionalidade, expressão do poder dos seus proprietários, que haviam chegado à região do Putumayo, em terras então colombianas, em 1903, a fim de ali atuarem na extração e comercialização da borracha, utilizando a população indígena que ali vivia, como mão-de-obra, dela se valendo, praticamente, na condição de escravos. Estava. No vale do Putumayo, a reproduzir-se, portanto, embora em proporções diversas, o que ocorrera no Estado Livre do Congo, ao tempo em que este pertencera, na condição de propriedade pessoal, ao rei Leopoldo II, da Bélgica.

Por volta de 1909, começaram, porém. a ser publicados na revista londrina *Truth*, artigos assinados pelo missionário norteamericano Walter Hardenburg (1886-1942) que chegara a Iquitos a 1º de fevereiro de 1908 e ali viera a contar com a amizade e colaboração de Richard Collier; neles denunciando o que estava a acontecer naquela região; e então decidiu a Coroa britânica, mesmo depois de já terem se passado três anos desde o início dessa publicação, encarregar Roger Casement, de ir até o vale do Putumayo, a fim de apurar a verdade dos fatos denunciados repetindo o que antes fizera, no continente africano. Havendo ele seguido para a floresta amazônica, em 1910, acompanhado por mais dois companheiros, e apresentado, a 17 de março de 1911, ao Parlamento inglês, um relatório, no qual confirmava tudo o que fora dito nos artigos publicados na capital inglesa. Valendo transcrever um pequeno trecho do referido documento, no qual Roger Casement afirmou:

“No início do ano de 1900, a região do Putumayo foi cenário da morte de aproximadamente 40 mil indígenas. Suas mortes foram atrozes e cruéis: – ensopando-se os seus cabelos com querozene, sendo eles, a seguir, queimados vivos; havendo sido antes torturados, até se encasularem como vermes; e, além disso, também estuprados; contando-se entre essas vítimas, velhos, mulheres e crianças; todas essas mortes brutais, havendo sido da responsabilidade do *cauchero* Julio Cesar Arana.”

Esse seu relatório alcançou repercussão internacional. Foi ele mencionado, inclusive, pela famosa teórica marxista alemã Rosa Luxemburg, em seu *A acumulação do capital*, obra publicada em 1919, que nela se declarou indignada, desde quando tomara conhecimento dos fatos nele narrados. Nada além, no entanto, da liquidação, em 1913, da *Peruvian Rubber Company*, resultou do confronto pessoal havido entre Julio Cesar Arana e o Parlamento inglês; deixando-se, nessa ocasião, sem que houvesse sido apurada a responsabilidade de quem quer que fosse, pelos crimes cometidos na região do Putumayo.

Sem pretender, aqui, prolongar o relato da triste história da participação de Julio Cesar Arana no *boom* da borracha, na Amazônia, desejo apenas acentuar que nada de grave veio a lhe acontecer; havendo ele, nos anos 20, recomposto a sua companhia, havendo sido, a seguir, eleito, em seu país, por duas vezes, senador, pelo departamento de Loreto, e merecido ter, em sua homenagem, o seu nome, colocado para designar uma rua, em Iquitos, onde residiu com sua família, por longos anos; havendo falecido em 1952, em Lima, aos 88 anos. Nosso objetivo sendo aqui, somente assinalar a participação de Roger Casement, em dois momentos da luta em defesa de populações nativas – a primeira vez, no Congo, e a segunda, no sul da Colômbia, contra a impiedosa atuação dos colonizadores, pouco importando, em verdade, apontar a cor da pele dos seus algozes, ou a sua nacionalidade,

todos eles contaminados pela ânsia na obtenção fácil de riquezas e demonstrando possuir total desprezo, em sua ação, pela condição humana dos seres por eles, subjugados.

O texto completo do relatório de Roger Casement foi, felizmente, republicado, em data recente, ao menos, duas vezes – uma, em tradução espanhola, em 1988, em Quito (Equador), sob o título *Putumayo, caucho y sangre, Relación al Parlamento inglés (1911)*, pela Editora Aby-Yala (encontrando-se esgotada essa edição), outra, em inglês, em 2009, pela Anaconda Editions (Mass.USA), sob o título de *The Amazon Journal of Roger Casement*, em edição efetuada sob a responsabilidade de Angus Mitchell, tendo ele tomado por base um manuscrito existente na *National Library of Ireland*. Devendo realçar-se o fato de haver sido Roger Casement agraciado, por sua atuação no Congo, em 1905, pelo governo inglês, com o título de membro da *Companion of the Order of St. Michael and St. George (CMG)*, e em 1911, por ato do rei George V, com o de *Knight Bachelor*, levando em conta o seu desempenho em favor dos indígenas da Amazônia.

Torna-se, pois, a essa altura, necessário, esclarecer sobre a prisão e execução de Roger Casement pelas autoridades policiais e judiciárias inglesas, referidas tanto por Gilberto Freyre como por Geraldo Cantarino.

A partir de 1912, decidira ele participar, de modo ativo, da luta pela independência da Irlanda, havendo renunciado ao seu posto como membro do corpo diplomático inglês; e, a partir de então, se ligado aos *Irish Volunteers*, em luta contra o governo da Inglaterra. Seguiu, então, para os Estados Unidos, onde, em New York, procuraria obter ajuda financeira para os rebeldes irlandeses, pretendendo com ela comprar armamentos para sua ação, particularmente, para a da *Irish Republican Brotherhood (IRB)*, organização da qual se aproximara, sem nunca, contudo, haver a ela se integrado.

Não participou, portanto, do levante, que eclodiu em Dublin, na Páscoa de 1916, conhecido pela denominação de “*Easter Risings*”; por encontrar-se, quando do seu planejamento, na Alemanha, onde tentava negociar com o governo daquele país, o envio para a Irlanda, de prisioneiros de guerra irlandeses que se encontravam recolhidos no campo de Lindgurg an der Lahn, visando com eles formar uma “brigada patriótica”, e o de armamentos a serem utilizados pelos rebeldes irlandeses, pretendendo, dessa forma, constituir, na Irlanda, um núcleo de resistência armado, disposto a lutar contra o domínio do país pela Inglaterra.. Em nenhum momento, contudo, concordou com a idéia de vir a ser a Irlanda invadida por tropas alemãs; embora se mostrasse disposto a aceitar de bom grado, o envio de soldados alemães que para lá se dirigissem, dispostos a aliar-se aos rebeldes, na luta pela independência do seu país.

Não conseguiu, porém, alcançar seus objetivos – nem com a adesão dos prisioneiros de guerra irlandeses, que temiam ser punidos pelo governo inglês, com a pena de morte, caso aceitassem a sua proposta; nem com o recebimento pelos rebeldes que lutavam na Irlanda, dos armamentos que chegaram, aliás, a ser para lá enviados, pela Alemanha, em quantidade, porém, muito menor da que solicitara; pois que os 20.000 rifles e os dez carros de guerra que lhe foram doados e embarcados no cargueiro *Libau*, camuflado, para dar a aparência de ser um navio norueguês, ostentando, por isso, o nome falso de *Aud Norge*, viajando sob o comando do Capitão Karl Spindler, acabaram por ser apreendidos pelos ingleses, após a captura dessa embarcação, quando da sua chegada à Irlanda, em Queenstown (hoje *Cobb*), no condado de Cork, a 22 de abril, pelo navio de guerra HMS *Bluebell*, havendo os integrantes da sua tripulação, composta exclusivamente por marinheiros alemães, sido tornados prisioneiros de guerra.

Após haver atuado, portanto, nessas atividades subversivas, tanto nos Estados Unidos, como na Alemanha, ele dali regressou à Irlanda, em companhia de outro revolucionário, Robert Menteith, a bordo de um submarino alemão, havendo eles desembarcado, na baía de Tralee, em Banna Strand, no Condado de Kerry, na madrugada de 21 de abril de 1916, três dias antes da eclosão da grande revolta da Páscoa, em Dublin; havendo, porém, Roger Casement, pouco após o seu desembarque, sido descoberto e aprisionado pelas autoridades inglesas, sendo então acusado de traição, sabotagem e espionagem, e, a seguir, julgado e condenado à morte por enforcamento, castigo

que lhe foi imposto a 3 de agosto de 1916, em Londres, com 51 anos, um mês antes de completar 52.

Quanto a Robert Monteith (1878-1956) participante, como ele, da rebelião, e seu companheiro naquela estranha viagem, somente a pena de deportação do país lhe foi aplicada. Vindo ele, anos depois, a redigir o relato da viagem que haviam feito, publicado nos Estados Unidos, sob o título de *Casement's Last Adventure* (Chicago: Irish People Monthly, 1932), com uma nova edição, em Dublin, pela Moynihan Publ.Co, em 1953.

Roger Casement é hoje considerado um herói nacional pela República da Irlanda, proclamada a 29 de dezembro de 1937, de acordo com os termos da Constituição que substituiu a “Constituição do Estado Livre da Irlanda”, estado criado pela Inglaterra, em dezembro de 1921, ao final de um longo período de lutas armadas entre ingleses e irlandeses; na qual, com base naquele documento, fora concedido à Irlanda, pela Coroa Inglesa, o *status* de *Domínio* que passava a integrar a *Commonwealth*; havendo, contudo, a Irlanda, a partir da promulgação do chamado “Acto de 1948”, se tornado uma república independente, sem qualquer vínculo com a *Commonwealth*, assim sendo reconhecida, internacionalmente, a partir de 17 de maio de 1949, quando deixou de existir, definitivamente, o “Estado Livre da Irlanda”.

Devendo ser lembrado, haverem sido utilizados pelas autoridades inglesas, na época do julgamento de Roger Casement, os textos apreendidos dos seus “*Black Diaries*”, por ele redigidos no curso dos anos de 1903, 1910 e 1911, a fim de levantar contra ele a opinião pública, por tornar-se possível comprovar, com base nos mesmos, sua condição de homossexual; vindo a tornar-se a divulgação dessa situação, peça fundamental para que não fosse comutada pelo rei Jorge V, a pena de morte a que fora condenado, como lhe haviam solicitado importantes escritores irlandeses, entre eles, C.K.Chesterton e Arthur Conan Doyle; tendo se tornado, contudo, por não haver Roger Casement confirmado ou desmentido o que neles escrevera, motivo de dúvida, a autenticidade ou falsidade desses famosos *Black Diaries*; convindo ainda lembrar o respeito que mereceu Roger Casement, do seu compatriota, o poeta irlandês William Butler Yeats (1865-1939), que compôs, em sua homenagem, em 1938, dois poemas – “*The Ghost of Roger Casement*”² e “*Roger Casement*”, no primeiro havendo Yeats insistido em trazê-lo de volta ao cenário da luta da qual participara, nele repetindo, enfaticamente, ao final de cada estrofe, o refrão – “*The ghost of Roger Casement / is beating on the door*”; e se referido o grande poeta irlandês, à sua alegada homossexualidade, afirmando que – “se Casement foi um homossexual, que esplêndido homossexual foi ele!” .

Retornando à contribuição dada, direta ou indiretamente, por Roger Casement, à História do Brasil, lembro, então, haver encontrado, ainda em Gilberto Freyre, dessa vez em *Casa Grande e Senzala*, nova menção ao seu nome; quando, referindo-se ao livro de Sir Harry Johnston – *The Negro in the New World*, publicado em 1910, afirmou haverem sido os cônsules O’Sullivan Beare e Roger Casement, os “melhores informantes sobre o comércio entre a Baía e as cidades africanas de Lagos e Dahomey, nos princípios do século XIX.” que teve esse autor (FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*, 2.º Vol., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954, p.527). E mesmo levando em conta não possuir a obra de Sir Harry Johnston, ao menos na parte referente ao Brasil, grande valor histórico, em razão, principalmente, de ele nunca haver estado em nosso país, a menção por ele feita a Roger Casement não deixa de ser significativa, desde que incluiu o seu nome, mencionando o seu cargo de Cônsul Geral da Inglaterra no Brasil, entre os das pessoas às quais devia agradecimentos, por haverem lhe dado as informações que lhe permitiram escrevê-la. .

Finalmente, um esclarecimento acerca do desejo que cheguei a ter de intitular esse meu breve registro sobre Roger Casement, de – “Roger Casement, um ‘peregrino audaz` “ – ; desejo que foi, depois, sem que atentasse com sua razão, por mim abandonado. Tendo ele surgido em minha idéia, por haver encontrado num dos poemas de Castro Alves, o que se intitula “A Maciel Pinheiro”, constante de *Espumas Flutuantes*, nele tendo sido colocado pelo poeta, como refrão, ao fim de cada estrofe, o seguinte verso “Deus acompanhe o peregrino audaz” e indicado o Poeta dos Escravos ser esse verso, da autoria de alguém a quem se referiu como *Bouchard*, autor enigmático, que somente após vencer

grande dificuldade, consegui identificar como sendo um amigo pessoal do poeta francês Lamartine³; havendo Castro Alves, o posto como epígrafe ao seu poema, transcrevendo-o em francês – “*Dieu soit en aide au pieux pèlerin*”; sendo este verso, parte integrante, conforme apurei, do poema “*A M. de Lamartine, sur son voyage en Orient, en 1833, par M. Bouchard*”, tendo sido incluído por Lamartine, em 1839, juntamente com um outro poema desse mesmo Bouchard, sob o título – “*A M. de Lamartine, par M. Bouchard. L’Avenir Politique*”, ambos figurando, ao lado do poema “*Utopie*”, do próprio Lamartine, em *Recueils Poétiques*, onde Castro Alves talvez o tenha encontrado.

Em nota aposta ao seu poema, esclarecera Castro Alves: – “Maciel Pinheiro é um destes moços que simbolizam o entusiasmo e a coragem, a independência e o talento nas academias. Poeta e jornalista, o moço estudante, improvisou-se soldado, aos reclamos da Pátria. Hoje que o tempo e a distância nos separam, é-me grato falar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido”. Enquanto Afrânio Peixoto, o organizador da edição das *Obras Completas de Castro Alves*, em sua edição de 1942, informou haver sido Maciel Pinheiro (1839-1899), um jovem paraibano, que interrompera seu curso de Direito, para ir servir como soldado, na Guerra do Paraguai; havendo-o retomado quando do seu retorno ao país, tendo, depois de formado, seguido a carreira da magistratura, e publicado, sucessivamente, numerosos artigos e poemas, tanto em periódicos como o “Jornal do Recife” e a “Província”, como no jornal republicano “O Norte”, por ele fundado, ao lado de Martins Junior; nele havendo visto Castro Alves, seu contemporâneo na Faculdade de Direito do Recife, em vez de um “*pieux pèlerin*”, como Lamartine, o “peregrino audaz” do seu poema. E não sei por qual motivo, por certo inconsciente, me veio à mente, esse verso, quando comecei a escrever sobre Roger Casement.

Finalmente, quando tomei conhecimento de haver sido o corpo do rebelde irlandês, trasladado, em 1965, do cemitério da *Pentoville Prison*, em Londres, local de sua execução, para o *Glasnevin Cemetery*, em Dublin, onde hoje repousam os seus restos mortais havendo sido ali sepultados com honras militares, encontrando-se, portanto, desde então, em solo pátrio, e mais, que havia sido erguido em Banna Strand, nas proximidades do local onde desembarcou, acompanhado por Robert Monteih e um outro companheiro, ao final de sua viagem de volta à Irlanda, um obelisco em sua homenagem e à de Robert Monteih; e que, em Ballyheigue, foi colocada, de modo oportuno, frente ao mar, uma sua estátua⁴, pareceu-me adequado compará-lo ao “peregrino audaz” do poema de Castro Alves.

Muito haveria ainda a dizer sobre Roger Casement, principalmente depois de haverem sido por mim lidos *Roger Casement: A Biography*, de autoria de William Bryant (Lincoln, New England iUniverse Inc., 2007) e *Roger Casement: Imperialist, Rebel, Revolutionary*, de Seamas O’Siochain (Bristol, England: Lilliput Press, 2008); e sido também realizado, em 2002, por iniciativa da Rede de Televisão da Irlanda, e ali exibido e em vários países europeus, o documentário “The Ghost of Roger Casement”, rodado sob a direção do cineasta Alain Gilseman⁵.

Ficarei, contudo, inclusive por não haver conseguido assistir esse documentário, no ponto até onde cheguei. Pretendendo, no entanto, retornar ao tema, dispondo-me, então, a relacionar a presença de Roger Casement, na região amazônica, com a atuação, naquela mesma área, dos *caucheros* peruanos Julio Arana e Carlos Fermin Fitzcarrald, o primeiro já tendo sido objeto de um substancioso ensaio – *Julio Cesar Arana y Sir Roger Casement. Destinos Cruzados. El caucho, un comercio infame*, redigido pelo escritor colombiano Roberto Pineda Camacho, e figurado como personagem principal no estudo biográfico – *Arana, el rey del caucho. Terror y atrocidades en el Alto Amazonas*, do escritor argentino Ovidio Lagos; enquanto o segundo foi imortalizado, tanto pela publicação de *Carlos F Fitzcarrald. El rey del caucho*, do escritor peruano Ernesto Reyna (Lima, 1942), como pelo filme de Werner Herzog, *Fitzcarrald* (1982), no qual justo será destacar-se a atuação do ator Klaus Kinski, que nele, de forma magistral, o soube interpretar.

Sem devermos também esquecer que o interesse sobre a vida e os feitos de Roger Casement vem crescendo, de modo impressionante, nos últimos anos, tanto no Peru, como na Colômbia e no Equador, havendo, inclusive, o maior escritor peruano dos nossos tempos, Mario Vargas Llosa, anunciado, em junho de 2008, sua intenção de escrever seu próximo romance, que terá por título – “*El sueño del celta*”, tomando-o como fonte de inspiração; decisão tomada por havê-lo considerado,

conforme suas próprias palavras, em entrevista concedida a um periódico espanhol – “um personagem fascinante, com uma vida muito interessante”; achando, contudo, ser necessário, antes de começar a redigi-lo, ir conhecer a região e as localidades situadas no vale do Congo, onde ele esteve, em 1903 (havendo, em verdade, em outubro daquele ano, visitado a República Democrática do Congo); e também o vale do Putumayo, onde ocorreram os trágicos acontecimentos por ele relatados em 1911; e a própria Irlanda, seu país natal, onde declarou pretender permanecer, por alguns meses, para chegar a “sentir” aquele país. Não sendo, também, possível, deixar de destacar-se o fato de haver se tornado, em nossos dias, a região do Putumayo, como se a tanto conduzida por uma vocação histórica, cenário de uma nova luta árdua e ingrata, a que ali vem sendo travada entre as forças do Exército da Colômbia e as das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), com resultados, por enquanto, imprevisíveis.

Notas

¹ Este manuscrito possui como título – “Hy-Brasil: Irish origins of Brazil” e encontra-se arquivado na National Library of Ireland, assinado pelo autor; dele constando, ao final, a indicação: do lugar e da data onde e quando foi escrito – “Belém do Pará, Amazon River, 1908”. Foi editado por Angus Mitchell, e encontra-se disponível nos seguintes sites [http:// www.irlandeses.org/0607mitchell1.htm.](http://www.irlandeses.org/0607mitchell1.htm), [http:// www.irlandeses.org/0607mitchell2.htm](http://www.irlandeses.org/0607mitchell2.htm) [http:// www.irlandeses.org/0607mitchell3.htm](http://www.irlandeses.org/0607mitchell3.htm) e [http:// www.irlandeses.org/0607mitchell4.htm](http://www.irlandeses.org/0607mitchell4.htm)

² Este poema foi escrito por Yeats, em outubro de 1936, somente havendo sido publicado em 1938, em *New Poems*, merecendo destaque pelo tom irônico com o qual se refere aos ingleses, nele identificados simplesmente como John Bull.

³ Lamartine incluiu em *Recueils Poétiques*, sob n.º XXII, o poema “Utopie”, datando-o de “Saint-Point, 21 et 22 août 1837”; havendo esclarecido, em nota, a razão de tê-lo dedicado a M. Bouchard, identificando-o nesses termos: – “M. Bouchard, jeune poète de grande esperance et de haute philosophie, avait adressée a l’auteur une ode sur l’avenir politique du monde, dont chaque strophe finissait par le vers: ‘Enfant des mers, ne vois-tu rien là-bas?’ “. (Cf. LAMARTINE. *Recueils Poétiques*. Paris: Garnier Frères, 1925.)

⁴ Tal informação foi colhida em CANTARINO, Geraldo. *Opus cit.*, p. 32.

⁵ Alain Gilsenan chefia o *Irish Film Institute* e participa do *Irish Film Board*. O documentário por ele dirigido – *The Ghost of Roger Casement* foi premiado no IFTA (*Irish Film & Television Academy*, no *Celtic Film Festival* (2002).

Referências Bibliográficas

BERTAUX, Pierre. **Africa. Desde la prehistoria hasta los Estados actuales.** Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1974.

BRYANT, William. **Roger Casement: A Biography.** Lincoln, New England: iUniverse Inc., 2007.

CAMACHO, Roberto Pineda. Julio Cesar Arana y Sir Roger Casement. Destinos Cruzados. El caucho, un comercio infame. Bogotá: Biblioteca virtual del Banco de la Republica, 2005. Disponível no site www.lablaa.org/blaaavirtual/revistas/credencial/abril2003/curioso.htm

CANTARINO, Geraldo. **Uma ilha chamada Brasil. O paraíso irlandês no passado brasileiro.** Rio de Janeiro: Maud, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** 8.ª edição. 2 volumes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

_____. **Inglês no Brasil. Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil.** 2.ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora // Brasília: Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1977.

FULLGRAF, Frederico. *25 anos de Fitzcarraldo – Genocídio e Cinema no coração das trevas.* Download disponível in www.cronopios.com.br/site/critica.asp?id=2690

HARRIS, Peter James. “From the Putumayo to Connemara. Roger Casement’s Amazonian Voyage of Discovery”, Download disponível in www.irlandeses.org/0607harris1.htm.

HERZOG, Werner. *Fitzcarraldo* (Filme teuto-peruano). (1982).

HOCHSCHILD, Adam. **King Leopold’s Ghost: A Story of Greed, Terror, and Heroism in Colonial Africa.** New York: Mariner Books, 1999..

JOHNSTON, Sir Harry Hamilton. “Preface”, in **The Negro in the New World.** London: Methuen & Co. Ltd. 1910.

LAGOS, Ovídio. **Arana, el rey del caucho. Terror y atrocidades en el Alto Amazonas.** Buenos Aires: Emecé, 2005.

MITCHELL, Angus (Edif.). **The Amazon Journal of Roger Casement.** Mass.: Anaconda Editions, 2009.

Ó'SÍOCHÁIN, Séamas. "Roger Casement, ethnography and the Putumayo" in **Éire-Ireland**, 29:2 (1994), 29-41, ISSN 00132683, ISSN (eletronic) 15505162. Download disponível in www.rhs.ac.uk/bibl/wwwopac.exe?&database=decat0&rf700003249&SUCCESS=false&SRT2=u...

_____ **Roger Casement:Imperialist, Rebel, Revolutionary**. Bristol, England: Lilliput Press; .ilustrated edition, 2008.

REYNA, Ernesto. **Carlos F. Fitzcarrald. El rey del caucho**. Lima: P. Barrantes Castro, 194.2.

ANEXOS

THE GHOST OF ROGER CASEMENT

Por William Butler Yeats

*O what has made the sudden noise?
What on the threshold stands?
It never crossed the sea because
John Bull and the sea are friends;
but this is not the old sea
nor this the old seashore;
what gave that roar of mockery,
that roar in the sea's roar?*

The ghost of Roger Casement
Is beating on the door.

*John Bull has stood for Parliament,
a dog must have his day.
The country thinks no end of him,
for he knows how to say,
at a beanfest or a banquet,
that all must hang their trust
uUpon the British Empire,
upon the Chuch of Christ.*

The ghost of Roger Casement
Is beating on the door.

*John Bull has gone to India
and all must pay him heed,
for histories are there to prove
that none of another breed
has had a like inheritance,
or sucked such milk as he,
and there's no luck about a house
if it lack honesty.*

The ghost of Roger Casement
is beating on the door.

*I poked about a village church
and found his family tomb
and copied out what I could read
in that religious gloom;
found many a famous man there;
but fame and virtue rot.*

*Draw round, beloved and bitter men,
draw round and raise a shout;*

The ghost of Roger Casement
Is beating on the doors.

O FANTASMA DE ROGER CASEMENT

(em tradução livre, por Waldir Freitas Oliveira)

*Oh! Quem faz este barulho estranho?
Quem está na soleira dessa porta?
Ele nunca atravessou os mares
Pois John Bull e o mar sempre foram amigos;
Este não sendo o mar dos velhos tempos
Nem esta a praia antiga.
Quem deu então ao mar, este ar de gracejo
E à voz do oceano, este ar de zombaria?*

O fantasma de Roger Casement
está batendo à porta.

*John Bull foi levado ao Parlamento,
pois até um cachorro tem seu dia.
Mas o país todo sabe que não será punido
por saber ele dizer bem as coisas
num almoço ou num banquete,
onde tudo está pronto para que se revele
a verdade inteira sobre o Império Britânico,
a verdade completa sobre a Igreja de Cristo.*

O fantasma de Roger Casement
está batendo à porta.

*John Bull chegou até a Índia
e todos ali lhe devem honrarias
por proezas incríveis que somente ele
realizaria, pois sugou bem mais leite
que outro qualquer sugaria;
mas não há ventura em uma casa
onde a honestidade não existe*

O fantasma de Roger Casement
está batendo à porta.

*Embrenhei-me no antro de uma igreja antiga
e ali me deparei com túmulos de família;
anotei o que pude nesse templo sombrio,
nele havendo encontrado muitos nomes famosos,
com fama e virtude, porém, já corrompidas.
Formem uma roda, austeros caros senhores,
formem uma roda e soltem os seus gritos;*

O fantasma de Roger Casement
está batendo à porta.